



INVESTMENT CENTER DEUTSCHE BANK PORTUGAL

Deutsche Bank



A emergência dos BRIC e a China

A tese da emergência dos BRIC tem sido alvo de muitas críticas – umas justificadas, outras nem por isso. Não há dúvidas quanto às mudanças profundas que estão a ocorrer nestes quatro países (Brasil, Rússia, Índia e China), no entanto, esta tese não dá o devido destaque àquele que deverá ser o grande evento da primeira metade do século XXI: a emergência da China.

A crescente importância económica da Índia, do Brasil e da Rússia vai ter importantes consequências a nível mundial. No entanto, não se compara às implicações do crescimento chinês. Económica, financeira e politicamente, a China sobrepõe-se e vai continuar a sobrepôr-se aos restantes BRIC. A economia chinesa é maior do que as dos outros países juntos. Para além disso, tanto as exportações chinesas com as suas reservas monetárias são mais do dobro do que as dos restantes três países juntos.

A China é a verdadeira história. Em Washington, por exemplo, fala-se cada vez mais da política cambial chinesa, da sua crescente importância financeira e militar (particularmente da sua capacidade naval). Alguns políticos e ex governantes falam já da criação de um G-2 composto pelos Estados Unidos e pela China. Apesar de esta ideia ter recebido, até agora, uma resposta cautelosa, tanto de Pequim como de Washington, bem como da generalidade dos analistas políticos, é um reflexo da importância que começa a ser dada à China e ao seu crescente estatuto. Pode-se discordar com a proposta de um novo G-2, mas o crescente poder económico e político chinês é já uma realidade.

A importância económica, tanto relativa como absoluta, da China vai continuar a aumentar no médio prazo, apesar de desafios como o gradual envelhecimento

populacional, questões relacionadas com a sustentabilidade do meio ambiente ou fricções relacionadas como comércio internacional.

Em termos de crescimento económico, o gigante asiático tem vindo a registar uma performance superior aos demais BRIC nos últimos trinta anos. Na última década, o crescimento real do PIB foi, em média, 10% na China, 7% tanto na Índia como na Rússia e 3,3% no Brasil. Uma taxa de poupança elevada, um nível de urbanização reduzido, um rendimento per capita baixo (potencial de recuperação elevado) e, mais importante, um sector industrial voltado para a exportação e sustentado por um forte investimento em infra-estruturas e na educação deverão continuar a suportar um crescimento económico superior ao dos seus principais concorrentes. Mantendo-se o actual padrão de crescimento, a China tor-

nar-se-á na maior economia mundial em 2025-30.

Nada do que foi exposto acima pretende sugerir que a tese da emergência dos BRIC não tem relevância. Pretende, sim, demonstrar como qualquer história de crescimento parecerá menor se comparada como o crescimento que se prevê para a China. Nas próximas décadas a economia deste país tornar-se-á na maior do Mundo e com um elevado grau de integração tal que forçará Pequim a envolver-se mais na gestão de questões económicas e financeiras globais. A proposta para a criação de um G-2 sobrestima a capacidade de Washington e Pequim para gerirem grande parte dos assuntos globais, uma vez que não tem em consideração a importância da Europa, do Japão e dos restantes BRIC. No entanto, a proposta reconhece implicitamente a importância do crescimento chinês.